



Racionais Cronistas Urbanos: intersecções entre trajetórias e música

Racionais urban chroniclers: intersections between trajectories and music

Matheus Caracho Nunes¹

Resumo

Neste ensaio trabalho as conexões que as músicas dos Racionais Mc's tiveram com minha infância e de meus amigos em um bairro de classe média de uma cidade do interior de São Paulo. Para compreender as transformações de nossas vidas e das letras do grupo, observo principalmente a trajetória de uma família negra e pobre. O final dos anos 1990 até os dias de hoje são o pano de fundo dessa história que é observada à luz de músicas e textos trabalhados na disciplina Sociologia Urbana, ministrada pelo Professor Gabriel Feltran no segundo semestre de 2017. O objetivo principal é compreender como as letras e músicas dos Racionais Mc's dialogam com a vida de pessoas de diferentes lugares e gerações. O trabalho é amparado por observação participante e pelo resgate de memórias e situações vividas pelo autor.

Palavras chave: Racionais Mc's, trajetórias, margens urbanas.

Abstract

In this essay I work the connections that Racionais Mc's songs had with my childhood and my friends in a middle-class neighborhood in a city in the interior of São Paulo. In order to understand the transformations of our lives and the letters of the group, I mainly observe the trajectory of a poor and black family. The late 1990s to the present day are the background of this story that is observed in the light of songs and texts worked in the discipline Urban Sociology, taught by Professor Gabriel Feltran in the second semester of 2017. The main objective is to understand how the lyrics and songs from Racionais Mc's dialogue with the lives of people from different places and generations. The work is supported by participant observation and by the rescue of memories and situations lived by the author.

Key words: Racionais Mc's; trajectories; urban margins.

Keywords: Racionais Mc's, trajectories, urban margins.

Introdução

1 Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Membro do NaMargem-Núcleo de Pesquisas Urbanas.



Perdi a conta de quantas vezes ouvi carros passando pelas quebradas com o som bem alto, gritando para que todos pudessem ouvir, “Vida Loka” e “Negro Drama”. Outras inúmeras vezes ouvi “Diário de um Detento” e “Capítulo quatro, versículo três”. Os vidros do golzinho rebaixado tremem, entram pelas janelas e portas das casas do Vale Verde, Selmi Dei e quebradas adjacentes, passando pelo Santa Angelina, Jardim Universal, Jardim Maria Luiza, até chegar ao Yolanda Ópice, quebradas de Araraquara que circulei com maior frequência nos últimos anos da minha vida. Os que estão na rua trocando ideia com os camaradas, observando o movimento do bairro ou os que estão no “movimento”² observam o carro passar. O motorista, geralmente homem, olha ao redor, aqueles que viveram na época do lançamento dessas músicas e os mais novos reconhecem. As batidas secas, os *samples* suaves, ao mesmo tempo pesados de KJ Jay, as vozes graves e marcantes de Brown e Edi Rock, contrastam com o agudo bem malandro de Blue. Há um sentimento de identificação dos moradores de diferentes lugares e de distintas gerações com as músicas dos Racionais Mc’s.

O ano é 1998, nessa época, com aproximadamente 10 anos, eu costumava brincar na rua. Futebol, rolimã e pipa estavam entre as principais diversões. As preocupações limitavam-se as escassas tarefas escolares. Durante a noite, eu e os outros meninos da rua de casa, costumávamos, nos reunir com os meninos das ruas de baixo e de cima para fazermos nossas pipas. Os mais velhos e experientes conseguiam fazer recortes e colagens em diversos formatos e desenhos: “Pipa de H”, “Pipa de T”, “Pipa de Cruz”, os mais abusados conseguiam até fazer pipas com a folha da maconha. Esses ganhavam bastante status entre os garotos do bairro, a comprida rabiola de suas pipas demonstrava que tinham realmente legitimidade e respeito no bairro. O “cortante” fininho cortava linhas e linhas de novatos como eu, que almejavam ter o respeito que eles tinham.

O trabalho que segue versa sobre o impacto e influência que a música dos Racionais Mc’s teve em minha formação e na de milhões de pessoas ao redor do Brasil. Tendo vivido e observado neste contexto, argumento que as letras e melodias dialogam com a realidade da vida de pessoas de diferentes lugares e gerações. Posteriormente ilustro o que foi vivido com breve reconstituição da trajetória de vida de alguns jovens que cresceram comigo em um contexto diferente do qual o Racionais Mc’s produziu.

Observando as trajetórias desses jovens podemos destacar que sobressaem alguns fatores determinantes para a constituição de suas subjetividades: institucionalizações, crime, trabalho, moral, pobreza, dinheiro, família. Fatores que aparecem de diferentes maneiras nas trajetórias de milhões de jovens ao redor do Brasil e são tratadas de maneira específica pelos Racionais Mc’s, fazem com que suas músicas tenham grande pervasividade social.

Cresci em um bairro de classe média em uma cidade do interior de São Paulo. Na década de 1990 as consequências negativas de sucessivas medidas neoliberais, podiam ser sentidas em meu bairro. De acordo com as letras dos Racionais Mc’s também eram sentidas no Capão Redondo. *Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou. Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou (Um homem na estrada. Sobrevivendo No Inferno, 1997)*. Apenas uma linha de ônibus para o bairro todo, ausência de equipamentos de saúde, baixos investimentos em educação, nenhuma opção de lazer. E a falta de trabalho, que causava danos imediatos nas vidas das pessoas.

O que ficou conhecido como “reestruturação produtiva”, com sucessivos processos de transformação nas empresas e nas indústrias, causou a demissão de milhões de trabalha-

2 Termo utilizado nas ruas para se referir à circulação realizada pela venda de drogas ilícitas nas quebradas. Constante movimento de carros, bicicletas e pessoas. Ver: “O crime vai e vem” (RACIONAIS, 2002).



dores. Aliado a isso, no Brasil, houve uma reforma do Estado, toda ideia de planificação e nacionalização da economia caíram e o Estado passou apenas a regular as relações entre empresa e sociedade. Com a abertura do mercado para empresas transnacionais, o Brasil foi invadido por produtos estrangeiros. O sonho de todo moleque noventista de grandes capitais ou de cidades do interior era ter um tênis da Nike. Porém, do mesmo modo que os milhões de pares de tênis, também entraram toneladas de cocaína e milhares de armas.

Entrada massiva de bens de consumo, drogas e armas para uma população desempregada. Em um país proibicionista, marcado pelo enorme abismo social como o Brasil, a junção desses fatores abriu nova via para que parte dos desempregados tivesse acesso a esses bens de consumo, isso se deu através do mercado do tráfico de drogas. Através desse novo mercado que se abria, pela primeira vez na história do Brasil, uma parcela da população historicamente marginalizada, negra e periférica passou a ter acesso a bens de consumo. Esse processo carrega consigo inúmeras tensões e violências que não serão exploradas neste artigo³.

Todas essas transformações também puderam ser sentidas no meu bairro. Nem todas as crianças que cresceram no contexto descrito tinham como única preocupação os deveres escolares. Na família dos irmãos Rodrigo, Matheus e Pedro, que moravam na rua da minha casa, inúmeras consequências negativas do neoliberalismo já podiam ser sentidas. A mãe, Dona Sônia, havia sido abandonada pelo último marido com os três filhos, agora ela conseguia mantê-los com dois trabalhos, um como cozinheira, outro como doméstica, ainda assim, os dias em que havia mistura no almoço eram raros. Com problemas de saúde, o acesso aos médicos da UBS era dificultado pela burocracia. Se faltasse do trabalho perderia o emprego, pois haviam muitas querendo sua vaga. Na escola os filhos reclamavam da constante falta de merenda e Rodrigo, o mais velho, já se envolvia com os moleques do *movimento* que começava a chegar com força nas escolas do interior de São Paulo. Thiago e Wilson, haviam migrado de Santos para Araraquara, o pai deles havia matado um homem lá, a mãe, Tatá, tinha parentes aqui e trouxe os filhos para se refugiarem com a ajuda dos parentes. Em tempos de recessão quem tivesse família extensa que pudesse ajudar, recorria sem pestanejar. Renan não tinha pais, foi criado por uma tia. David havia migrado com sua família de São Paulo para Araraquara, mas seu pai perdeu o emprego e se tornou usuário de álcool. Rodriguinho (Brinquinho) morava na rua de trás de casa, tinha dois irmãos mais velhos, e quatro primos mais velhos, alguns deles já começavam a se envolver na vida do crime. Ele e seus irmãos moravam de aluguel com a mãe em uma casa relativamente boa. As histórias das vidas dessas crianças serão permeadas por fatores determinantes na constituição das subjetividades dos futuros adultos. Privação material, o crime como alternativa, proximidade com as drogas, mundo do trabalho, estudo, moralidade, respeito. Diferentemente do que se possa supor, o ingresso no mundo do crime não se dava necessariamente por uma ambição exagerada, muitas vezes ele era a alternativa mais racional para se obter respeito, não necessariamente apenas o lucro, o cálculo econômico.

Ao longo da trajetória de algumas dessas famílias se almejou uma ascensão social via trabalho operário, como no caso da família de David. Porém, no caminho algo não deu certo para essas famílias e a pobreza voltou a ser realidade, isso aconteceu com milhões de famílias ao redor de todo o Brasil durante os anos 1980 e 1990. Para outras famílias, a pobreza nunca deixou de ser realidade, como no caso da família negra comandada, naquela época, por Dona Sônia. A condição da espoliação urbana pelas quais passavam os trabalhadores urbanos foi trabalhada por Kovarick (1979).

3 Para uma Revisão Bibliográfica sobre o “crime” ver: Aquino e Hirata, 2017.



Durante a produção das pipas, que geralmente acontecia na calçada de casa, me chamava a atenção as músicas que os caras mais velhos cantavam, pareciam falar e rimar ao mesmo tempo, com um ritmo próprio e cheio de malandragem. Apesar das músicas serem incrivelmente grandes eles sabiam cantar inteiras. Aquilo me impressionava. O ritmo, novo para mim, era o rap e a música que todos sabiam era “Diário de um detento”, dos Racionais Mc’s. O que era dito no álbum de 1997, “Sobrevivendo no Inferno” enfatizava e tornava ainda mais agudo aquilo que já havia sido dito em 1993, no álbum “Raio X do Brasil”, em 1992 no álbum “Escolha seu Caminho”, e em 1990, no álbum “Holocausto urbano”, dialogava diretamente com a realidade dessas crianças e adolescentes. Não eram exatamente periféricos, viviam em um bairro de classe média, fronteiro com áreas mais degradadas, mas o contexto social da época os empurrava cada vez mais para as margens da cidade. Mesmo com os momentos de diversão, do futebol no portão, da pipa com os amigos, a infância deles não havia sido *um mar de rosas*⁴. As dificuldades impostas pelo período e a impossibilidade ao acesso a bens de consumo nos anos 1990 e início dos anos 2000 gerava efeitos nas vidas daquelas crianças. *Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim*⁵, era o sonho de todos eles, mas nenhum conseguiu. No caminho, muitos revezes. Alguns elementos típicos do período vivido, final dos anos 1990 aos anos 2010, atravessaram a vida dessas crianças e desempenharam papel determinante no que elas são hoje em dia.

Sobrevivendo no Inferno: Vinte anos depois

Durante o segundo semestre de 2017, vinte anos depois do lançamento do álbum “Sobrevivendo no Inferno”, os acontecimentos vividos na minha infância ainda reverberam na minha cabeça. Ter crescido em um bairro de fronteira⁶ e estar nessa condição, me possibilitou ter contato com diferentes realidades. De um lado amigos da escola particular ostentavam os primeiros *Nike shox*⁷ lançados no Brasil, de outro, amigos da rua comemoravam quando conseguiram comer o primeiro *Big Mac*, corriqueiro para alguns, raridade para outros. Em uma terça feira pela manhã, antes de ir para aula de Sociologia Urbana, um lado dessa fronteira bate a minha porta. É Pedro, o irmão mais novo da família de Dona Sônia. Fazia pelo menos uns cinco anos que eu não o via e não conversava a ainda mais tempo. A última notícia de Pedro obtive em uma Comunidade Terapêutica da cidade durante a realização de um trabalho de campo. Na ocasião, um interno me contou que usava drogas com Pedro e que ele costumava dar trabalho no bairro em que moravam. Depois não tive mais notícias. Sua chegada em minha casa me faz pensar na quantidade de cenas vividas por nós naquela rua: O dia em que a Polícia Militar foi até minha casa pedir dinheiro para não matar meu primo que estava espancado dentro do camburão, o dia em que mataram o “Dentinho” na rua da minha casa⁸, as cenas de nós correndo da

4 O Homem na estrada, Racionais Mc’s, 1993.

5 O Homem na estrada, Racionais Mc’s, 1993.

6 Aqui me remeto ao conceito de Fronteira utilizado por Feltran (2011).

7 Modelo de tênis.

8 Esse episódio, ocorrido no início dos anos 2000, se insere em um contexto mais amplo de vários assassinatos ocorridos no bairro, nessa época o PCC iniciava sua hegemonia nos bairros da cidade. Sobre a expansão do domínio do PCC nos presídios e periferias paulistas ver: Biondi (2011); Marques (2011);



polícia após sermos pegos pixando muros da vizinhança, o início do *movimento* dos caras do bairro, as brigas entre gangues, os caibros e madeiras, as barras de ferro, o revólver, o futebol de caixão, os carrinhos de rolimã, o bétis e as pipas. Violência e alegria conviviam lado a lado, uma parecia desconhecer a outra, eram frutos distintos produtos do mesmo espaço/tempo.

Na ocasião, Pedro me procurou, pois, estava precisando de emprego e gostaria de saber se eu poderia ajudá-lo. Com vinte e quatro anos de idade, desempregado, ensino médio incompleto, separado, três filhas, a ex-esposa desempregada morando com as meninas em uma casa de três cômodos no Residencial Vale Verde, bairro que foi construído sem a necessária rede de infraestrutura urbana (escola, creche, UBS,). Chegava diariamente em sua casa bêbado sendo violento com a esposa e filhas, após suportar essa situação durante muito tempo a esposa o colocou para fora de casa, não havia como voltar, a situação já estava insustentável. Nos últimos meses, Pedro gastava boa parte do salário que recebia como auxiliar de pedreiro com bebidas e drogas, agora, sem emprego, suas filhas estavam precisando de leite e ele não tinha como comprar.

Esse cenário lembra em muito o que Pedro viveu durante sua infância. Os anos 2010 nos remetem diretamente aos anos 1990. Desemprego elevado, acesso restrito a equipamentos de saúde, educação e lazer. A principal diferença do contexto atual para aquele vivido nos anos 1990 é a elevada parcela da população periférica que possui acesso a bens materiais, resultado de um período de expansão do consumo entre camadas mais pauperizadas proporcionado pelo “lulismo”⁹.

Do mesmo modo que houve franca expansão do consumo entre camadas historicamente pauperizadas da população brasileira, também houve um processo de expansão e consolidação do mundo do crime nas periferias das cidades. Isso também aconteceu em Araraquara. Hirata (2010) mostra que é a busca pelo respeito que faz as pessoas que circulam pela biqueira de Paulo ingressarem no universo do mercado ilegal que agrega não só o comércio de drogas ilícitas, mas uma trama de relações engendradas pelo *mundo do crime* (FELTRAN, 2011). Muitos de nossos amigos entraram para o “crime”, alguns ganharam status, outros morreram, outros foram institucionalizados e outros são estigmatizados pela alcunha de “nóia”. Era o que estava acontecendo com Pedro.

Nesse reencontro, ele deixou alguns currículos comigo e retornou para casa de sua mãe. Aquele havia sido o primeiro contato para a retomada de uma amizade com toda a família. Rodrigo estava casado, Matheus morando com Dona Sônia e Pedro, recém separado, retornara recentemente a casa da mãe.

A visita de Pedro me fez refletir: o cotidiano periférico cantado pelos Racionais Mc’s, e analisado posteriormente por trabalhos etnográficos das Ciências Sociais não estava longe de mim, por vezes ele batia a minha porta.

Entre o reencontro com Pedro e a escrita deste texto passaram-se cinco meses. Nesse curto intervalo de tempo a configuração familiar de Dona Sônia havia se transformado: Matheus estava preso, Rodrigo havia se separado da esposa e voltado à casa da mãe e Dona Sônia buscava por uma internação involuntária para o filho Pedro.

Assim que Matheus saiu da penitenciária, Dona Sônia me ligou para que eu fosse visitá-los. De moto, uma CG 150 preta, fui até o Jardim Maria Luiza, no caminho pensava no tempo em que éramos crianças e nas fronteiras simbólicas que hoje separam nossos bairros.

Feltran (2011).

9 2002-2010. Importante bibliografia sobre o lulismo é (SINGER, 2012).



A casa de Dona Sônia, como ela mesmo havia me informado fica quase em frente ao mercado Pegue Pague, perto da lojinha da Vanusa, não havia como errar. Quando cheguei estavam Sônia, Rodrigo e Pedro, Matheus estava na casa do tio que fica a alguns quarteirões dali. Sônia assistia ao programa Raul Gil em um sofá coberto com lençol branco, Rodrigo e Pedro fumavam no quintal. Vieram para me receber e nos cumprimentamos, fazia anos que não via Rodrigo, estávamos com saudades. Correndo pegou sua moto e foi buscar o irmão Matheus. Quando ele chegou era notável sua alegria, ainda estava assustado com a liberdade que a rua dava, custava a acreditar que não estava mais preso.

Em 2008, ano que ingressei na Universidade, Matheus entrou na *faculdade do crime*¹⁰: penitenciária Doutor Sebastião Martins Silveira em Araraquara, da primeira vez foram dois anos preso. Matheus, negro, pobre e deficiente físico. O desemprego entre brancos começava a subir, os primeiros sinais da crise internacional começavam a ser sentidos no Brasil. Entre negros e deficientes físicos a taxa de desemprego na série histórica 1990-2010 sempre foi superior¹¹ à dos brancos. Negro, pobre e deficiente físico, com isso as possibilidades de inclusão de Matheus no mercado de trabalho formal eram limitadas. *A ambição é como um véu que cega os irmãos*¹², mas nem só ambição movia Matheus em direção ao mercado ilegal. Criado em um ambiente que valorizava o respeito e a moralidade masculina, como podemos ver nas letras de Mano Brown: “Mas a dona Ana fez de mim um homem e não uma puta” (Jesus Chorou, Nada Como um Dia Após o Outro Dia, 2002); “Aí dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha” (Negro Drama, 2002). Assim como Brown, Matheus também queria orgulhar Dona Sônia, enchê-la de orgulho e ouro. O respeito ele poderia conquistar mantendo o proceder¹³ com os caras da quebrada, participando do comércio de drogas *sem pilantrar com ninguém* provavelmente conseguiria obter melhores resultados do que se fosse procurar emprego no mercado formal. A taxa de lucro para a venda de drogas é muito maior do que se paga a um vendedor no mercado formal e, como já foi mostrado, as oportunidades de trabalho formal para Matheus eram escassas. Portanto, participar do mercado ilegal era uma escolha racional. Poderia oferecer respeito e lucro. A passagem pela penitenciária fornecia a Matheus mais conhecimento da vida no crime, lá ele conheceu muitos *irmãos*, ouviu diversas histórias, aprendeu muita coisa. Tudo isso fez com que ele ressignificasse sua trajetória, ele não era um trabalhador, como seu irmão Rodrigo, e nem um nóia, como Pedro. Sua passagem pela penitenciária lhe garantiria um diploma de bandido, agora estava habilitado a fitas maiores.

Eu, branco e de classe média, após ingressar em uma universidade pública vi meu campo de possibilidades de ação se expandir. Conheci pessoas de diferentes lugares, li autores que nem imaginava conhecer um dia e que forneciam um novo olhar para o mundo em que vivia, tive aula com professores renomados que já haviam lecionado em diferentes lugares do mundo. Tudo aquilo me encantava, ampliava minha rede e, de certa forma, me distanciava do mundo que o outro Matheus ingressava na penitenciária e na quebrada. O diploma, nesse caso, era um documento que poderia facilitar o acesso a pessoas, informações e oportunidades dentro do mercado formal de trabalho.

O mundo do crime e seu universo de possibilidades se abria para o Matheus negro, deficiente físico e pobre e o mundo do trabalho e seu outro universo de possibilidades se

10 Termo utilizado para se referir as penitenciárias.

11 Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2013.

12 Negro drama, Racionais Mc's 2002.

13 Hirata 2010 e Marques 2009 trabalham o conceito de proceder no universo criminal.



abria para o Matheus branco e de classe média. Tais universos distintos se abriram para nós ao longo de nossas trajetórias não como vias alternativas, mas praticamente como a única alternativa a se seguir, de acordo com o que nossas trajetórias nos forneciam. Mundos distintos convivendo no mesmo espaço/tempo e que em muitos momentos se imbricam.

Após essa primeira institucionalização na penitenciária de Araraquara, Matheus passou por outras três. Em seu último período preso foram cinco meses, dessa vez, como nas outras, foi detido por estar com uma quantidade mínima acima da permitida para se configurar como usuário. O encarceramento em massa de negros e pobres está sendo trabalhado pela bibliografia¹⁴ e revela outro obstáculo colocado às vidas dessas pessoas.

Dona Sônia fez um café e depois de conversarmos um pouco na sala fomos para os fundos da casa continuar a conversa. Rodrigo foi até a biqueira da rua de baixo e trouxe maconha. Éramos cinco pessoas em um círculo, quando o baseado terminou estávamos todos mais alegres e risonhos, exceto Pedro que aparentava certa letargia, seus irmãos começaram a caçoar sobre o comportamento dele. Por ser usuário problemático de substâncias psicoativas, mesmo com uma pequena dose de maconha, seus irmãos ficaram atentos a seu comportamento.

Continuamos conversando por algum tempo, essa visita durou cerca de três horas. Combinei com Rodrigo de retornar na manhã seguinte para jogar uma partida de futebol no bairro.

Na manhã seguinte, um domingo de sol por volta das 9:30h voltei ao Jardim Maria Luiza para reencontrar amigos de infância e jogar um futebol de quebrada. Rodrigo, o irmão mais velho da família, ajudava a organizar o futebol. Ele era respeitado e conhecido por todos os traficantes do bairro, mas não era do crime, em certos momentos de sua trajetória participou de algumas fitas, mas abandonou quando conseguiu entrar em um concurso para trabalhar no departamento de água e esgoto da prefeitura de Araraquara. O trabalho de funcionário público fez com que ele se afastasse do comércio de drogas, ainda assim ele mantinha boa parte das relações previamente estabelecidas com os comerciantes do bairro. A praça do bairro e o campo ficavam lotados, três times se revezavam, do lado de fora uma plateia de amigos assistia aos jogos, no intervalo entre um jogo e outro os jogadores aproveitavam para beber água e fumar maconha, o sol era intenso e desgastante 12:30h paramos de jogar, alguns seguem para suas casas, outros para suas biqueiras e o movimento continua. Vou com alguns dos jogadores e espectadores me refrescar em um bar próximo ao campo.

A família de Dona Sônia é uma que consegui reativar contato, representativa de tantas outras famílias ao redor do Brasil. Feltran (2011) mostra como as fronteiras entre trabalhadores e bandidos coexistem na mesma família na Zona Leste de São Paulo. Os Racionais Mc's conseguiram publicizar a realidade das periferias em outros meios, Takahashi (2014) explora, entre outras coisas, a presença dos Racionais Mc's no VMB, maior prêmio da extinta rede de televisão MTV, nesse e em outros palcos eles falavam como representantes da favela.

Das outras crianças e adolescentes que cresceram comigo Thiago está preso há cinco anos; Wilson, após perder a mãe e o emprego, tenta reconstruir uma carreira como vende-

14 A guerra às drogas aumentou o encarceramento e letalidade especialmente de jovens negros e de periferia, estudo realizado por pesquisadoras do Grupo de Estudos sobre Violência e Administração de Conflitos (GEVAC/UFSCar) apontou que 61% dos mortos pelas ações policiais são negros e que, enquanto para cada 100 mil habitantes brancos apenas 14 são presos, para cada 100 mil habitantes negros 35 são presos. (SINHORETTO; SILVESTRE; SCHLITTLER, 2014, p. 9-24).



dor no sul do país, trabalhando em uma empresa de telefonia; Renan, tem um bar/biqueira em um bairro da periferia da cidade, têm dois filhos e vive com a esposa; David trabalha em uma pizzaria e frequenta uma igreja evangélica neopentecostal próxima à sua casa; Rodriguinho (brinquinho), após passar por algumas internações em Comunidade Terapêuticas, está trabalhando como polidor em uma funilaria, está casado e têm três filhas.

*Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei*¹⁵, em diferentes lugares do Brasil, tal como eu e meus amigos, muitos tentaram ascender socialmente, a maioria sem sucesso. Nossas trajetórias, aqui brevemente narradas, são representativas de um momento histórico brasileiro. *Nada de roupa, nada de carro, sem emprego, não tem lbope, não tem "rolê" sem dinheiro*¹⁶. Ao mesmo tempo, com as transformações na sociedade brasileira iniciadas na década de 1990, era tudo isso que se almejava com ainda mais força, por isso muitos, como Thiago e Matheus, optaram pela ascensão social via crime, o que parecia muito mais promissor, pois o que se conseguia ganhar vendendo droga, fazendo uma fita grande ou pequena era muito mais do que se ganharia sendo empacotador de supermercado, uma das poucas opções de trabalho para a molecada do bairro que cresci.

À despeito das diferentes trajetórias brevemente narradas neste ensaio, as músicas dos Racionais Mc's tiveram grande importância e atuaram ativamente na formação de nossas subjetividades. Com ritmo contundente e temáticas pertinentes, os Racionais Mc's consolidaram-se como o maior grupo de Rap do Brasil. Do moleque branco de classe média do interior de São Paulo, passando por seus amigos negros e pobres, as vozes que saíam das Periferias de São Paulo nos anos 1990, ecoavam em milhões de ouvidos ao redor do território brasileiro.

No ano da publicação deste ensaio, os Racionais Mc's completam 30 anos de carreira, o que faz suas canções permanecerem atuais nos dias de hoje é a flexibilidade com a qual os artistas trabalham as transformações sociais ocorridas desde 1988 até 2018. Transitando entre temáticas que passam pela: violência urbana, o crime, a pobreza e sofrimento à: ostentação, viagens e negócios internacionais; os Racionais Mc's conseguem dialogar com os dois lados da *ponte*¹⁷ e falam por uma geração que almejava a ascensão social. A grande maioria não conseguiu o que os membros do grupo conseguiram. Ainda que como meta a ostentação faz sentido, tanto para o Rap como para outros estilos musicais, como o Funk nacional, por exemplo. Isso não deslegitima os artistas entre as camadas mais pauperizadas, pois *você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você*¹⁸.

15 Fórmula Mágica da Paz, Racionais Mc's, 1997.

16 Fórmula Mágica da Paz, Racionais Mc's, 1997.

17 Da Ponte pra cá, Racionais Mc's, 2002.

18 Negro Drama, Racionais Mc's, 2002.



Referências Bibliográficas

AQUINO, Jania P D; HIRATA, Daniel. **BIB**, São Paulo, n. 84, 2/2017 (publicada em abril de 2018), pp. 107-147.

BIONDI, K. **Junto e Misturado**: Uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de tensão**: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP: CEM: CEBRAP, 2011.

HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida**. Tese de Doutorado em Sociologia (FFLCH/USP), 2010.

KOWARICK, L. (1979). **A Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MARQUES, A. **Crime, proceder, convívio-seguro**. Um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2009.

SINGER, André. **Os sentidos do Lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINHORETTO; SILVESTRE; SCHLITTLER. **Desigualdade Racial e Segurança Pública em São Paulo**, abril, 2014.

TAKAHASHI, Henrique Yagui. **Evangelho segundo os Racionais Mc's**: ressignificações religiosas, políticas e estético-musicais no rap. São Carlos, UFScar, 2015.